

Educere

Et

Educare

Revista de
Educação

ARTIGOS E ENSAIOS

IMAGINÁRIO E PÓS-MODERNIDADE: SINERGIA DO ARCAÍSMO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO ¹

IMAGINARY AND POST-MODERN ERA: SYNERGY OF ARCHAISM AND TECHNOLOGICAL DEVELOPMENT

Michel Maffesoli ²

Tradução: Eduardo Portanova Barros ³

RESUMO: A tecnologia que desencantou o mundo pode, agora, reencantá-lo. Este artigo procura uma reflexão voltada para a epistemologia do cotidiano. Se, na Idade Média, todo mundo venerava seus cultos diante da catedral, atualmente, na pós-modernidade, nos voltamos para as igrejas eletrônicas. É nesse ambiente dos videogames, dos sites, dos blogues etc. que entram em jogo os “mistérios” pós-modernos, aglutinando os iniciados da “socialidade” do futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia; Cibercultura; Pós-modernidade; Maffesoli; Tecnologia

ABSTRACT: The technology which disenchanting the world can now change it. This article seeks to reflect toward the epistemology of cotidian. If, in the Middle Ages, everyone worshiped their services before the cathedral, currently in post-modernity we turn to the electronic churches. It is in this environment of video games, websites, blogs etc. that comes the postmodern "mysteries" coalescing initiates towards a "sociality" of the future.

KEYWORDS: Sociology; Cyberculture; Postmodernity; Maffesoli; Technology

Introdução

Esta curiosa, misteriosa, mas não menos real sincronicidade entre as origens e o futuro, da qual nos fala Nietzsche, é, certamente, uma das características mais marcantes da pós-modernidade. Foi o que eu designei por um oxímoro: enraizamento dinâmico. Mas com as rotinas filosóficas obstruindo os espíritos, fica difícil admitir que o mito do Progresso, e junto com ele o progressismo que lhe serve de suporte teórico, possa abrir espaço a outra relação com a



Vol. 9 Número 18 jul./dez. 2014

p. 737 - 743

¹ Este artigo é uma compilação de trechos de um livro de bolso publicado por Michel Maffesoli, em 2013, pela Manucius, dentro do projeto Modelizações dos Imaginários, criado no final de 2010, com duração de cinco anos, por duas instituições acadêmicas, École Télécom Paris-Tech e Université de Rennes 2, e quatro indústrias francesas. A proposta é refletir sobre o imaginário no sentido de que formam objetos técnicos no processo de inovação.

² Professor da Université de Paris V – Sorbonne, membro do Instituto Universitário da França e administrador do CNRS.

³ PNPd/CAPES. Pós-doutor pela Université de Paris V – Sorbonne, onde atuou junto ao Centre d'Etude sur l'Actuel et le Quotidien, o Centro de Estudo sobre o Atual e o Cotidiano, dirigido por Michel Maffesoli, traduziu "Sociologia do imaginário" (LEGROS, P. et ali. Porto Alegre, Sulina, 2007) e organizou, junto com o Prof. Dr. Carlos A. Gadea, o livro "A questão pós nas Ciências Sociais. Crítica, estética, política e cultura. Curitiba: Appris, 2013).

natureza, a progressividade. Não se trata de regressão, mas de ingresso neste mundo aqui. Partilhamos, como propunha Baudelaire, das múltiplas correspondências próprias ao Grande Templo da Natureza.

Afinal de contas, não é uma sabedoria imemorial admitir que, à medida que alguma coisa se apaga, alguma outra coisa aparece? Eis o que é progressividade. Ela não se contenta em explicar o que nós somos e o mundo no qual vivemos. Explicar (*ex-pliquer*) é remover as dobras que constituem a consciência individual e o inconsciente coletivo. Não, pois a progressividade implica os estratos constituindo cada caso e todas as sedimentações da cultura popular. E, também, as diversas palavras-chave que eu, depois de algumas décadas, propus como reflexão: proximidade, cotidiano, enraizamento, tribalismo, nomadismo e, ultimamente, invaginação, procurando estar atento à realidade vivida, no dia a dia, de tal implicação. Há nestes termos, para além de nossas ficções teóricas, alguma coisa que remete ao afloramento do arcaísmo.

Arcaico não é obsoleto

É preciso lembrar? Ao contrário do uso habitual desse termo, arcaico significa aquilo que é antigo, primeiro, fundamental. Não é, de modo algum, obsoleto, mas o que está lá, no fundamento do estar-junto. Em Geologia, este afloramento acontece quando um lugar (“sítio”) ou uma rocha, servindo de subsolo, vem à tona. É o mesmo no caso da “geossociologia”. Para além das nossas evidências intelectuais, convém constatar o afloramento dos modos de pensar, dos modos de ser e das práticas corporais que o bom progressismo pensara ter ultrapassado. Mas acontece que árvore à sombra da qual Nietzsche “navega” não é a simples árvore do conhecimento cartesiano.

Conjuga origem e futuro. O “sítio” geológico que aflora lembra que toda construção tem necessidade de fundamentos, e que a construção social disso também não escapa. Isso porque há um dado que é inútil negligenciar. Inútil porque esse dado, cada vez mais, recorda as nossas boas memórias. Inútil negá-lo porque, paradoxalmente, ele toma emprestado estes canais que nós acreditávamos que fossem aqueles do Progresso: a tecnologia. É, exatamente, à internet que eu me refiro. Antes, um pequeno retorno de marcha à ré, a fim de refrescar uma memória, às vezes bem curta, mas, em todo caso, bem seletiva.

Em áreas diversas e tendo objetivos bem diferentes, um sociólogo como Max Weber ou um historiador da ciência como Thomas Kuhn puderam mostrar a estreita relação existente entre o racionalismo e o desenvolvimento científico e tecnológico. Eu acrescento o racionalismo como exacerbação ou sistematização da racionalidade, afastando todos os outros parâmetros humanos da esfera pública. Em um livro clássico, estabelecendo uma estreita relação entre o protestantismo e o capitalismo, refletindo sobre a emergência da modernidade, Weber fala de “racionalização generalizada da existência”. É aqui que se chega ao famoso “desencantamento do mundo”, o qual é causa e efeito de uma existência na qual toda irregularidade terá de ser banida, na qual o natural terá, definitivamente, cedido lugar ao artifício; em suma, uma vida social completamente esterilizada pela “violência totalitária” de uma tecnocracia puramente racional.

Os paradigmas de Kuhn

Thomas Kuhn, por sua vez, lembra que é tomando por empréstimo a “via recta” da razão que o Ocidente, em oposição às outras tradições culturais, vai direto ao ponto: o

desenvolvimento científico, tendo por consequência a implantação tecnológica que se sabe. Para fazer isso, percebe-se que esta marcha forçada em direção ao progresso vai, a fim de se aliviar, abandonar toda uma série de bagagens inúteis: estes impedimenta que são o onírico, o lúdico, o festivo. É este abandono que vai assegurar a performatividade da civilização ocidental e seu triunfo no fim do século 19 sobre todas as outras. Trata-se de duas análises paradigmáticas.

Mas há outras nesse sentido que permitem que se compreenda, ao longo do século 20, o triunfo da técnica e da tecnicização do mundo. À imagem de um Golem da Cabala judia, que independente da vontade de seu criador, saqueava tudo ao seu redor, os objetos técnicos vão subordinar ao seu poder todos os momentos da existência, e nada, nem ninguém lhes escapa. Trabalho, tempo livre, produção e consumação, educação e esporte: todas as instituições que, progressivamente, constituem a sociedade vão se empenhar em colocar “ordem na casa”, disciplinando os afetos, os instintos, as pulsões sob a égide da razão técnica. Parece que a nata dos observadores sociais, fiéis ao seu background teórico, o dos séculos 18 e 19, continuam gorjeando a ladainha do “desencantamento”. É por isso que eu digo que a tecnologia pós-moderna participa do “reencantamento do mundo”.

Certamente, parece paradoxal. E o é, em parte. No entanto, para além de nossos a priori teóricos, pode-se constatar que o que está em jogo, justamente, é o retorno deste lúdico que a modernidade, na sua marcha “majestosa” rumo ao Progresso, tinha marginalizado, acantonado em um espaço estritamente privado. Enfim, trata-se de uma realidade que não podemos mais ignorar. E este lúdico é uma estrutura antropológica, estrutura esta de raízes profundas e antigas, que encontra ajuda no desenvolvimento tecnológico. É o mesmo caso, além disso, do onírico que não é mais, simplesmente, reservado ao divã do psicanalista, mas que tende a contaminar as numerosas práticas societais: revoltas, rebeliões, fantasmas, fantasmagorias diversas, e isso em todos os domínios.

O reencantamento do mundo

Eis o que está em jogo na pós-modernidade. E não se pode mais dizer que ela se encontra, ainda, em um estado nascente tamanha sua evidência no dia a dia. É bem de de um reencantamento do mundo de que se trata, no qual a realidade, ou seria melhor dizer “surrealidade”, ultrapassa a ficção um pouco mortífera, aborrecida e, por vários aspectos, ultrapassada da teoria racionalista. Existe, na verdade, um surrealismo vivido do uso, no cotidiano, dos meios de comunicação interativos. O virtual tendo, ao mesmo tempo, uma eficácia real, permitindo uma forma de júbilo real, e elaborando um laço, estabelecendo um elo, no seu sentido pleno, no corpo social. E isso se dá a partir de duas características essenciais de nossa espécie animal. Uma, que é a capacidade de imaginar. E a outra, a partir da primeira, que é a de entrar em comunhão com o Outro.

A cibercultura, por exemplo, é a outra maneira, na pós-modernidade, de nos referirmos à “comunhão dos santos”, porque ela, a cibercultura, contamina, de vários modos, a vida cotidiana das nossas sociedades. Trata-se, na verdade, de colocar o problema em termos de uma epidemiologia. E tanto é verdade que a passos lentos, mas obstinadamente, as diversas mídias interativas estão ganhando terreno e se impondo na atualidade. Tanto no que concerne aos serviços de cunho administrativo ou burocrático quanto em todos os domínios do lúdico, no qual o sonho tende a substituir a própria realidade. Pode-se observar que um dos momentos-chave dos Tempos Modernos foi a circunavegação na qual audaciosos exploradores descobriam seus novos mundos e ampliava,

assim, as percepções e os imaginários de seus contemporâneos.

Não se pode dizer que é algo parecido o que acontece hoje em dia com a navegação eletrônica? Não se trata da descoberta de um Novo Mundo? Ou da instituição de uma cultura totalmente diferente daquela que havia marcado a modernidade? É exatamente esse o escopo das pesquisas em curso no Centro de Estudo sobre o Atual e o Cotidiano, o CEAQ, na Sorbonne, e as diversas publicações de Stéphane Hugon sobre esse mesmo tema. Trata-se de um novo paradigma que está em gestão e que nós chamamos cibercultura. Sabe-se que o indivíduo não é redutível a sua parte exterior e que ele existe em função de um substrato inconsciente. O mesmo se aplica à vida social. Esta, também, tem suas criptas mais ou menos labirínticas. Outra maneira de dizer “inconsciente coletivo”.

O iconoclasmo filosófico

Uma raiz constante da cultura ocidental é o medo e pânico da imagem. Este iconoclasmo, de memória antiga, foi, frequentemente, analisado. Mas é preciso destacar os elementos essenciais para compreender o pavor inspirado, nos dias atuais, pelo mundo virtual. Em resumo, lembremo-nos da luta dos profetas do Antigo Testamento contra os ícones e os outros ídolos talhados na pedra ou na madeira, já que era conveniente adorar, “em espírito e na verdade”, um Deus único. O acento, aqui, recai no cérebro, o cognitivo. E, por extensão, à verdade que permite alcançar. O ídolo, que era, em essência, feminino, causa e efeito dos cultos à Terra Mãe, não se dirigia à Razão, mas ao ventre. É ao útero que se dirige. O que é ventre senão o símbolo dos sentidos em sua diversidade. O ventre, na sua posição central, é o signo da completude do ser.

Para utilizar um oxímoro, é vetor de uma razão sensível, reunindo os contrários, interagindo-os enquanto coincidências. Na sequência, esse iconoclasmo adquire um caráter filosófico com Descartes e Malebranche, que nos ensinam a desconfiar dessa imaginação como sendo “a louca da casa”. Isso é o mesmo que duvidar do bom funcionamento da faculdade racional. É esta estigmatização que vamos encontrar ao longo da modernidade e que vai alimentar as diversas condenações dirigidas à imagem, em geral, à publicidade e aos videogames, cujos papéis é inútil negar nos dias de hoje. A cibercultura, pois, é ao mesmo tempo expressão de potência da imagem e fruição sem utilidade. Assim, a rebelião do imaginário se manifesta, estrepitosamente, nos fóruns de discussões e nos diferentes blogs et home pages, nos quais a fantasia, os fantasmas e as outras fantasmagorias são o essencial do espaço e do tempo.

A Razão, a funcionalidade e o utilitarismo não estão, totalmente, ausentes, mas lhes atribuímos uma porção condizente. Ou, mais exatamente, a partir de uma interessante inversão de polaridade, eles vão servir de coadjuvantes a um real lúdico. Passam de mestres a servidores. É interessante notar como o festivo, o imaginário e o onírico coletivos vão se tornar as normas do espaço “ciber”. E, a partir daí, contamina o território privado e a esfera pública. Na racionalização exagerada da existência, quando se constitui o “contrato social”, vemos se erigir o que foi chamado, familiarmente, o “muro da vida privada”. Este muro, quando não vem abaixo, torna-se, pelo menos, poroso. O grande estudioso do imaginário, Gilbert Durand, indicou perfeitamente que a imagem é um mesocosmo entre o microcosmo pessoal e o macrocosmo coletivo.

O relativismo da internet

O tempo se contrai em espaço. Torna-se um “sítio” (N.T.: No sentido de lugar, do mesmo jeito que o autor se referiu anteriormente de forma metafórica usando um termo da Geologia) que eu partilho com os outros e a partir do qual eu posso “crescer”. A História

(com um grande H), isto é, a História da modernidade, cede espaço às pequenas histórias, sem um conteúdo real, mas assegurando o elo que faz o laço (ou vice-versa). Nestes sites comunitários, para brincar com a eufonia das palavras, o lugar faz o elo (N.T.: Ele se refere às palavras, em francês, lieu e lien). O virtual das ciberculturas é, na verdade, uma maneira de expressar o desejo de estar-junto. Pode-se comparar este novo elo espiritual à noosfera, do Padre Teilhard de Chardin. Em um momento importante da modernidade, Max Weber estava ciente da força do imaterial, conforme testemunha seu livro maior: “A ética protestante e o espírito do capitalismo”.

Trata-se de outra maneira de estar-junto: a pós-modernidade. O que é o pequeno denominador comum de todos estes lugares virtuais é o desejo de comunhão. É um relacionismo onipresente. Estes sites comunitários (blogues, orkut, twitters) estão aí para nos lembrar que o reencantamento do mundo está bem ancorado na socialidade pós-moderna. Da mesma forma que as tribos primitivas ficam ao redor de seus totens, os internautas contemporâneos se juntam em torno de seus ídolos específicos. O que é, igualmente, notável na tecnomagia induzida pelo desenvolvimento dos meios de comunicação interativos é, de um lado, a produção coletiva do conhecimento e, de outro, o acesso comum a essa produção. O saber não vem do alto, seguindo a Lei do Pai, mas vem de baixo, porque é transversal.

Eis o relativismo induzido pela internet. Relativismo é tudo o que relativiza uma Verdade única e uma identidade estável; e, pois, coloca em relação. E é, justamente, esse “colocar em relação” que é extraordinário nos sites comunitários. A fragmentação dos saberes são manifestações, para falarmos como Max Weber, de um “politeísmo de valores” galopante. Tudo isso é que permite, enfim, compreender a definição de pós-modernidade: sinergia do arcaico e do desenvolvimento tecnológico. Esta tecnologia que havia desencantado o mundo está em via de, curiosamente, reencantá-lo.

Recebido em: 24/03/2014

Aprovado para publicação em: 05/09/2014